

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC  
SÃO BERNARDO DO CAMPO – 2015

**A concepção de Amor [Eros] em Platão: uma análise estrutural  
do diálogo *O Banquete*<sup>1</sup>**

**Bolsista:** Gabriel Gomes Munhoz  
[gabriel.munhoz@aluno.ufabc.edu.br](mailto:gabriel.munhoz@aluno.ufabc.edu.br)

**Orientadora:** Maria Cecília Leonel Gomes dos Reis  
[maria.reis@ufabc.edu.br](mailto:maria.reis@ufabc.edu.br)

**RESUMO**

O presente artigo é dividido em duas seções: a primeira tem como objetivo delinear a relação entre discurso, diálogo, retórica e dialética na filosofia de Platão, e a segunda pretende analisar uma passagem crucial da obra referida à luz do que se pôde analisar sobre o *logos*. Tentarei defender que há várias indicações da função retórica no discurso de Sócrates e da função dialética no diálogo do filósofo com Agatão na obra *O Banquete*. Tais indicações serão exploradas dentro da concepção de dialética de Platão.

**Palavras chave:** Platão, Dialética, *Eros*, Argumentação.

---

<sup>1</sup> Este Artigo foi desenvolvido em uma pesquisa vigente no ano de 2012/2013 na modalidade PIBIC/CNPq e apresentado no VII simpósio de iniciação científica da UFABC.

## 1.1 Diálogo e discurso em Platão

Platão escreveu textos filosóficos estruturados na sua grande maioria na forma de diálogos e com a participação de seu mestre Sócrates como interlocutor. O escrito de tais textos revela por um lado grande sentido político para a época, e, por outro lado, o estabelecimento de conhecimentos filosóficos que ainda perduram, principalmente no pensamento ocidental.

Durante a vida de Platão (aproximadamente 427 a 347 a. C.) a Grécia passou por um período conturbado no que diz respeito à política. Houve um curto período de pouco mais de um ano, após a guerra do Peloponeso (431 a 404 a.C.), em que a democracia foi destituída e o chamado governo dos trinta tiranos exerceu poder. Após esse período a democracia foi reestabelecida e foi submerso majoritariamente nessa forma de poder que Platão viveu em Atenas.

Em meio ao universo cultural da *polis*, o discurso (*logos*) tinha importância central para a vida política, cultural e social. A habilidade de saber persuadir<sup>2</sup> era fundamental para o convencimento dos ouvintes da pertinência de determinadas deliberações públicas, ou seja, implicava em um poder político que se fortificava de acordo com a força do argumento. Assim, juntamente com o advento da democracia, o uso da palavra se apresentou à cultura grega como uma forma de poder descentralizada em que a discussão de assuntos relativos à vida dos cidadãos adquiriu força de deliberação valendo-

---

<sup>2</sup> Jean-Pierre Vernant destaca a importância da persuasão nessa configuração cultural da *polis* na seguinte passagem: “Esse poder da palavra – de que os gregos farão uma divindade: *Peithó*, a força da persuasão – lembra a eficácia da palavra e das fórmulas em certos rituais religiosos, ou o valor atribuído aos “ditos” do rei quando pronuncia a *themis*; entretanto, trata-se na realidade de coisa bem diferente. A palavra não é mais o termo ritual, a fórmula justa, mas o debate contraditório, a discussão, a argumentação.” (VERNANT, J. P. 2011, p. 54.)

se do confronto de ideias. Sendo assim, o uso da palavra passou a possuir um poder menos monológico tal como os imperativos de monarquias, cedendo lugar ao poder dialógico da palavra na democracia.

Este fator, para Platão, tinha muita relevância, porém de um modo particular. Pode-se dizer que a preocupação de Platão era a de saber distinguir o verdadeiro do falso em um aglomerado de opiniões (*doxa*) sobre certos temas, como a Justiça e o Amor, apresentadas em diferentes discursos. Em outras palavras, a preocupação de Platão era com a *espisteme*, isto é, o conhecimento verdadeiro. Isso implicou em certa rivalidade com aqueles que eram detentores da arte de persuadir, tais como os sofistas que se apresentavam como professores de retórica, cujos discursos não tinham preocupação com o conhecimento verdadeiro (*episteme*), mas apenas com o convencimento do ouvinte. Neste cenário, portanto, existem duas linhas que se distinguem pela forma de lidar com o conhecimento: a retórica e a filosofia. A primeira preocupa-se tão somente com a busca pela persuasão. Já a segunda almeja atingir a verdade. E os principais atores que representam essa disputa são os sofistas, no lado da retórica, e os filósofos, tal como Sócrates, representando a filosofia.

Chama a atenção o tratamento dado ao filósofo na obra de Platão *A República*: por ser *amante da sabedoria*, o que implica ter compromisso com a verdade, ele deve também ser governante, um rei-filósofo. Esta concepção de Platão envolve tanto a visão política quanto epistemológica, pois se trata da maneira de evitar que o mero “falar bem”, desprezioso com a verdade, tal como os sofistas utilizam, tenha poder efetivo na democracia. Apenas o

filósofo, ou seja, aquele que está em busca da sabedoria, é capaz de assumir um compromisso com a verdade e assim saber o que é justo a uma cidade.

Juntamente com essa concepção, no belo texto *A apologia de Sócrates*, Platão nos mostra, através da trágica condenação de Sócrates à morte, as injustiças cometidas contra o filósofo na *polis*, sendo este fator determinante para a sua decisão em escrever diálogos em que Sócrates se apresenta quase sempre como o principal personagem, tendo como característica marcante a sua busca da verdade e valendo-se do debate público. Assim, pelo ocorrido com seu mestre, se fortificou a decepção de Platão com a *polis* e se observa na construção de sua filosofia uma forte crítica à democracia como forma de poder, visto que estava em concomitância com o relativismo dos sofistas, o que prejudicaria uma forma de governo que preze pela verdade em relação à justiça.

Sócrates, de fato não deixou o seu legado em escritos próprios. Conhecemo-lo nos escritos de Platão por ser um homem questionador em vista de sua ambição da busca da verdade. Assim, questionava o povo ateniense constantemente sobre a vida humana e como se deve viver, isso implicava em questões sobre o bem, o conhecimento, a virtude. Nessa empreitada de atingir a verdade, acreditando que estava agindo de acordo com as instruções de Apolo, pode-se dizer que englobava no questionar a ironia e a maiêutica. No primeiro caso, a ironia era utilizada a fim de levantar questões ao seu interlocutor, levando-o à perplexidade de se dar conta que não sabe realmente o que dizia saber. No segundo caso, a maiêutica diz respeito ao auxílio de Sócrates com o seu interlocutor para que ponha à luz a verdade por meio de diálogos da “alma consigo mesma”. Nessa agenda, evidencia-se um método

próprio que Platão nos apresenta por meio do personagem Sócrates, seu mestre, mas que pouco se tem certeza se é genuíno dele, dado que o mesmo não deixou escritos próprios, conforme fora mencionado. Muito se discute sobre esse método e particularmente essas duas características mencionadas. Em todo caso, acredita-se que o método de refutação, *Elenchus*, é, de modo genérico, uma prática efetiva, bem como uma metodologia utilizada por Sócrates. Trata-se de “um exame cruzado para extrair contradições dos interlocutores no intuito de expor ao conhecimento suas teses falsas”<sup>3</sup>

## 1.2 Dialética e retórica

Frente ao ambiente repleto de diferentes formas de discursos, Platão se ocupou em sua obra com o estabelecimento de uma forma de se atingir a verdade em certos assuntos. A assim chamada dialética foi desenvolvida como um meio para se atingir tal conhecimento, e embora o procedimento tenha se modificado ao longo da obra do filósofo<sup>4</sup>, a sua real interpretação se mostra muito discutida nos tempos atuais.

Para o presente estudo a dialética será considerada a partir de três concepções. A primeira, mais abrangente: um método de valer-se do uso de argumentos em um diálogo tendo como finalidade única atingir-se a verdade sobre determinado assunto; a segunda, mais específica: o uso do método de divisão e reunião -- conforme se apresenta no diálogo *Fedro* [265-d] -- que são operações concomitantes que se requerem e ocorrem ao mesmo tempo, ou

---

<sup>3</sup> YOUNG, C.M. in BENSON, H. 2006, p. 76

<sup>4</sup> Para um maior esclarecimento sobre esse tema, ver: STENNARD, J. ‘Socratic Eros and platonic dialectic’, *Phronesis*, 4 (1959) p. 120-134

seja, por um método coordenado que consiste em fixar uma característica definidora do objeto, diferenciando-o e distinguindo-o de outros com os quais tem afinidade; e a terceira, que perdura nos textos em que se discute a dialética, isto é, o *Mênon*, *Fédon* e *A República*, é o método e hipótese que está dividido em dois momentos: o primeiro, chamada via negativa, parte da identificação e obtenção de consequências da hipótese e o segundo, a via positiva, da confirmação ou justificação de hipótese, tendo em vista a ascensão à forma do bem<sup>5</sup>. Tomadas em conjunto, podem esboçar já alguma metodologia geral que o filósofo se vale em detrimento ao expediente puramente persuasivo e retórico do sofista.

Platão, por meio do personagem Sócrates, aplica o método de refutação nos primeiros diálogos, os chamados diálogos socráticos. Nos diálogos do período médio, por sua vez, há uma preocupação metodológica explícita com a dialética, isto é, discute-se o próprio método, por exemplo, nos diálogos *Fedro* e *O Banquete*<sup>6</sup>. Há uma grande atenção na relação pedagógica entre mestre e discípulo, mais especificamente entre Sócrates e jovens atenienses. Nessa perspectiva, não é casual que os temas tratados nesses diálogos sejam o amor e amizade, pois, à medida que se desenvolvem, pode-se perceber a relação intrínseca entre a educação dos jovens e a necessidade de um “laço afetivo”

---

<sup>5</sup> Esta ideia está presente no artigo de Hugh Benson: ‘O método da dialética de Platão’ in: BENSON, H. *PLATÃO*/ H. Benson... [et al.] ; tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

<sup>6</sup> Conforme se apresenta na ideia de Stennard, presente em : STENNARD, J. ‘Socratic Eros and platonic dialectic’, *Phronesis*, 4 (1959) p. 120-134. Nota-se que há uma confluência de ideias nos dois artigos citados. O primeiro toma os diálogos *Mênon*, *Fédon* e *A República* para análise. O segundo vale-se do *Fedro* e *O Banquete*. Ambos afirmam que nesses diálogos há uma preocupação metodológica.

entre mestre e discípulo<sup>7</sup>. Assim, como pretendo apontar nas linhas a seguir, há um elemento pedagógico que pode se apresentar em vista do método da dialética, trata-se do próprio artifício retórico, a persuasão.

No diálogo *Górgias*, a arte retórica é analisada dialogicamente por Sócrates com o sofista. No questionamento sobre a arte retórica, Sócrates pergunta ao sofista qual seria o objeto de tal arte, já que ela lida com discursos (*logoi*). Com a resposta de que é a persuasão, Sócrates ainda aprofunda a discussão insistindo sobre qual seria então o seu objeto. O sofista responde que é o “justo e injusto nas coisas humanas”, mas se contradiz na sequência dos questionamentos de Sócrates [460d-461b]. Chegada à aporia do interlocutor, Sócrates constata que Górgias não possui de fato uma arte retórica suscetível de ser ensinada, trata-se apenas de uma artimanha persuasiva. Porém, no final do diálogo algo ressalta à vista: o longo discurso que Sócrates profere. A princípio este parece ser um procedimento dissonante do método do *Elenchus*, como foi dito anteriormente, mas o próprio filósofo explica que a justificção para este longo discurso é a convicção de que será um discurso verdadeiro<sup>8</sup>.

Nessa passagem do *Górgias* podemos perceber que não se trata da mera rejeição do elemento persuasivo dos grandes discursos (*macro logoi*) em detrimento aos curtos argumentos (*micro logoi*) muito utilizados no método socrático. Os *macro logoi* podem ser utilizados na apresentação de uma ideia, com a ressalva de que se deve possuir um compromisso com a verdade e não

---

<sup>7</sup> Para um maior esclarecimento sobre esse tema, ver: STENNARD, J. ‘Socratic Eros and platonic dialectic’, *Phronesis*, 4 (1959) p. 120-134

<sup>8</sup> Conferir em PLATÃO. *O Banquete*. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo, DIFEL, 1966. 2008, p. 16.

apenas com a finalidade de ludibriar o interlocutor para que este se convença de qualquer posição a respeito de qualquer tema.

Algo análogo ocorre no diálogo *Eutidemo* [272a-282b] dessa vez em relação aos *micro logoi*. Nele, Eutidemo e seu irmão Dionisodoro tentam mostrar que possuem uma arte até mesmo superior à retórica, que se vale de *micro logoi*, isto é, curtos argumentos, que no diálogo conseguem calar o interlocutor do mesmo modo que Sócrates o faz. Porém trata-se novamente de uma maneira de ludibriar o interlocutor, de tal modo que ele não se sinta capaz de continuar no diálogo pelo jogo de palavras que o fazem se confundir. Dessa vez, a dissonância do discurso com a realidade é o empecilho para o modo correto de conhecer a verdade. Assim, reitera-se a necessidade de comprometer-se com a busca pela verdade na realização do discurso.

Se nesses dois diálogos referidos há uma forte preocupação com a disposição e intencionalidade do *logos*, no diálogo *Fedro*, evidencia-se a busca de um método que seja próprio do dialético. Trata-se da reunião e divisão dos discursos e o método da hipótese, conforme foi dito anteriormente.

Assim, tendo elucidado os âmbitos mais abrangente e o mais específico da dialética, podemos examinar a obra *O Banquete* que é o objeto de nosso estudo, analisando-a a partir deste crivo estabelecido sobre discurso, diálogo, retórica e dialética em Platão.

## **2.1 Qual o papel do diálogo entre Sócrates e Agatão frente a tais questões sobre discursos, retórica, diálogo e dialética?**



O diálogo entre Sócrates e Agatão na obra *O Banquete* estabelece um marco que ameaça sucumbir com a sucessão discursiva vista no decorrer do livro. Como se sabe, neste diálogo são realizados elogios à Eros a partir de discursos, conforme foi estabelecido por Eriximaco a partir da sugestão de Fedro com a chegada dos convidados à casa de Agatão para comemorar a vitória deste no concurso de teatro. A partir de então são realizados discursos de vários cidadãos atenienses de grande importância para a época, representando algumas funções específicas na polis. Assim, os discursos são bastante representativos de diferentes formas de abordagem sobre *Eros*, conforme Platão agrupou em sua obra.

Tais formas de abordagem dizem respeito às particularidades de cada personagem, inclusive das histórias de seus amores, generalizadas para uma concepção do que é *Eros*. Elas serão tomadas posteriormente por Diotima, no discurso de Sócrates, como “imagens” sobre o que *Eros* realmente é. Assim nos diz Reeve:

“Para Fedro e Pausânias, a imagem canônica do verdadeiro amor – a história de amor quintessencial – apresenta o tipo correto de amante masculino mais velho e o tipo correto de rapaz amado. Para Eriximaco, a imagem do verdadeiro amor está pintada nas linguagens de sua amada medicina e de todas as outras artes e ciências; para Aristófanes, está pintada na linguagem da comédia; para Agatão, nos tons mais elevados da tragédia. Em um modo de que estes homens não estão conscientes, mas que Platão conhece, suas histórias de amor

são elas próprias manifestações de seus amores e das inversões ou perversões nelas expressas.”<sup>9</sup>

Na sucessão dos discursos pode-se observar uma unidade de cada ideia, sendo elas particulares de cada personagem, conforme fora mencionado. Mas após o quinto discurso declamado pelo realizador do simpósio, Agatão, Sócrates solicita a Fedro a palavra para “fazer umas perguntinhas” ao dramaturgo anfitrião [199-c]. Essas “perguntinhas” servem como um exemplo do método socrático, superando a sucessão dos *macro logoi* em vista do elogio ao deus feitos pelos demais convivas e propondo o *micro logoi* para a análise da verdadeira natureza de Eros, de forma dialógica. Assim, valendo-se do método dialético, Sócrates discute com Agatão o que é Eros, conforme tentarei mostrar a seguir.

O discurso de Agatão é o grande alvo de Sócrates em sua análise dialética. Ele serve como uma síntese do que se pensa comumente sobre Eros e também é como um “acorde preparatório” para o discurso de Diotima apresentado por Sócrates. No panorama geral da obra colabora para a sua harmonia, sendo também um importante aspecto artístico deste belo livro.

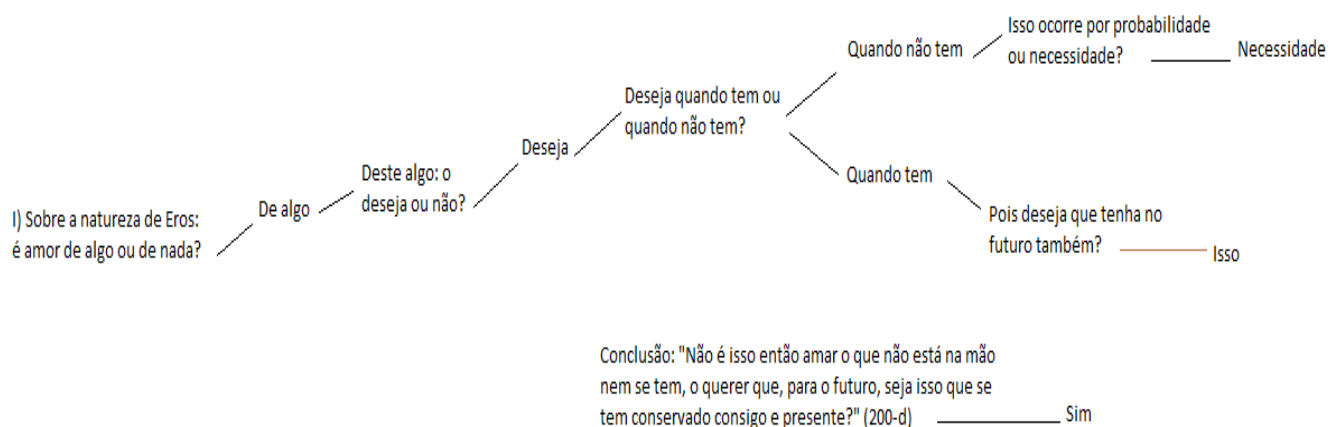
No discurso de Agatão algumas ideias são apresentadas a partir da ressalva de que é necessário elucidar a natureza do amor em detrimento ao elogio dos homens, criticando ainda o que foi realizado nos outros discursos: Eros é o mais belo e o melhor dos deuses, portanto o mais feliz; é um deus jovem e delicado que está nos costumes, nas almas dos deuses e homens e

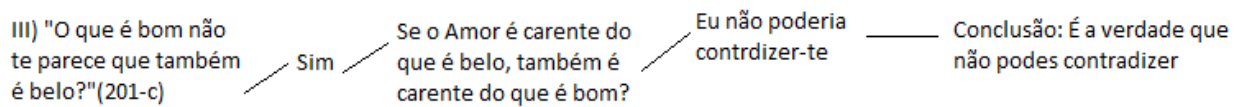
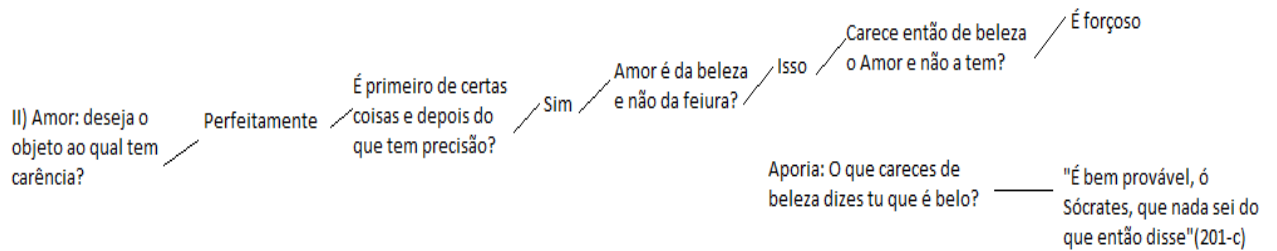
---

<sup>9</sup> REEVE, C.D.C. 2006, p. 278

por isso também é úmido (maleável); se assenta em lugares bem floridos, belos e bem perfumados, não onde já floresceu ou não floresceu; é poeta e sábio; é amor da beleza, pois no feio não se firma o amor. Nessa síntese, cabe ainda apontar o uso de artifícios retóricos no texto, conforme o próprio Agatão afirma de seu discurso, cabendo a ele ser “em parte jocoso” e em parte “discretamente sério” [197-b]. Sócrates comenta que não sabia que os discursos poderiam ser falsos e belos, pois pensava que deveriam ser verdadeiros quanto ao objeto do elogio [198-d]. Este marco estabelece o pedido de Sócrates à Fedro, o simposiarca, para que inicie um pequeno diálogo com Agatão a respeito da natureza de Eros.

No diálogo o método dialético se evidencia tanto no *Elenchus*, quanto na divisão e reunião de temas em busca da verdade. Sócrates faz algumas perguntas a Agatão que destrincha aos poucos a real natureza de Eros. Há três momentos essenciais no diálogo que apresentarei em esquemas a seguir para facilitar a visualização do uso da dialética.





O primeiro momento do esquema apresentado [199-c a 200-e] diz respeito ao aspecto desiderativo de Eros e as linhas gerais de sua natureza. Amor é amor de algo, necessariamente, e quando o ama, o deseja. Assim se concretiza o aspecto definidor de Amor como uma lei da natureza humana, visto que ocorre **por necessidade**. A partir desse laço desiderativo, podemos apontar que deseja esse algo em dois momentos: primeiro quando não tem seu objeto em posse, e segundo como uma previsão para o futuro, pois mesmo possuindo tal objeto, deseja o ter posteriormente, sendo este o seu aspecto

temporal e projetivo do desejo<sup>10</sup>. Pode-se perceber a diferença da análise de Sócrates em relação ao discurso de Agatão, pois em busca de uma correta definição de Eros, parte-se primeiro das coisas elementares sobre ele, sendo este um marco importante na investigação socrática. Em comparação ao discurso de Agatão, sabemos que ele o inicia referindo-se a Eros como o mais belo e feliz entre os deuses, sendo esta sua natureza. Mas Sócrates está ainda em um passo anterior nessa definição. Veremos que tal afirmação de Agatão será diretamente rebatida na próxima etapa do diálogo.

No segundo momento [200-e a 201-c] evidencia-se a característica fundamental do método socrático: a via negativa da ironia, de levar o interlocutor ao reconhecimento de sua ignorância para, a partir daí, construir com ele o conhecimento verdadeiro. Parte-se então da referência ao próprio discurso de Agatão que afirmava que “é amor da beleza, pois do feio não se firma o amor”, como foi resumido anteriormente, Sócrates testa a força dessa afirmação perguntando a Agatão se o Amor não possui beleza, partindo das premissas que já obtiveram o assentimento de Agatão, que o amor é relativo a algo e necessariamente carece desse algo. Assim, se Amor é da beleza, o próprio Eros deve carecer desta, conforme fora definido. Isso prova que Eros não é belo e leva Agatão ao reconhecimento de que seu discurso estava equivocado sobre a natureza do deus.

No terceiro e último momento [201-c a 201-d] é feita a associação entre o belo e o bom, que é algo familiar ao grego, porém nos soa estranho<sup>11</sup>. Tendo

---

<sup>10</sup> Tal característica pode ser relacionada com a concepção particular de alma de Platão, sendo a sua parte desiderativa também dotada de certa racionalidade. Para maior esclarecimento sobre isso, ver KAHN, C. *Plat's theory of desire*, Review of Metaphysics, 1987, p. 77.

<sup>11</sup> Ver Cavalcante nota 106.

isso em vista, Eros sendo carente do que é belo, também carece do que é bom. Nesse ponto, Agatão afirma não mais poder contradizer a Sócrates, mas o filósofo diz ser a verdade aquilo que não pode ser contrariado. Acredita-se portanto que por esse pequeno diálogo se encontrou a verdade sobre a natureza de Eros, mas este é apenas o prelúdio do elogio ao Amor realizado por Sócrates, o discurso de fato será analisado na sequência.

**2.2 Qual o papel do discurso de Sócrates A) frente aos tópicos sobre discursos, retórica, diálogo e dialética? B) E em relação à passagem do diálogo para o discurso?**

A passagem do diálogo entre Sócrates e Agatão para o discurso de Sócrates propriamente dito é marcada pela presença de uma personagem um tanto obscura e duvidosa quanto a sua real existência, trata-se da sacerdotisa Diotima de Mantinéia. Sócrates afirma que irá reproduzir o que a sacerdotisa outrora lhe disse, eliminando assim a possibilidade de um diálogo, e passando para um discurso, mesmo que esse seja de certo modo ainda a reprodução de um suposto diálogo dela com Sócrates. Elimina-se, portanto, a relação dialógica que estava presente na discussão com Agatão, permeada por perguntas e respostas vinculadas diretamente ao discurso proferido pelo poeta. Parte-se para uma exposição da doutrina do amor, fazendo às vezes de um discurso do próprio Sócrates.

O uso da personagem Diotima no discurso de Sócrates feito por Platão traz à tona várias questões sobre sua verdadeira intenção em sua obra como

um todo. Pelo que se analisou até então sobre o diálogo e discurso, podemos interpretar a presença dessa sacerdotisa como uma brecha para a possibilidade de Sócrates fazer um discurso, inclusive retórico, visto que este artifício permite apresentar as ideias como caras à sacerdotisa e não ao filósofo. Por outro lado, assim como um professor que não quer demonstrar autoridade em certo assunto, pois isso prejudicaria sua relação didática com o aluno também o que é dito sobre o Amor pode ser um artifício de Sócrates para com seu principal aprendiz no diálogo, que é Agatão<sup>12</sup>. De qualquer modo, o recurso retórico é evidenciado nesses aspectos, pois se atrela à intencionalidade do *logos* de apresentar uma ideia verdadeira de Eros em um discurso realizado para todos os participantes do banquete, não somente Agatão.

Retomando a questão sobre a natureza do Amor, Sócrates, inquieto com a conclusão de que Eros não é belo conforme afirmara em um diálogo com Diotima análogo ao que teve com Agatão, pergunta a Diotima se ele então é feio. A sacerdotisa responde afirmando a existência de algo intermediário entre tais extremos, do mesmo modo que há um intermediário entre a ciência e a ignorância, qual seja, a opinião certa [202-a]. Eros é, portanto, um *daimon*, não é deus nem mortal, mas é mensageiro dos primeiros para os segundos e vice-versa. Tal afirmação remeterá ao mito do nascimento de Eros apresentado pela sacerdotisa. É uma narrativa sobre o dia de comemoração ao nascimento da deusa Afrodite em que ocorre uma relação sexual entre a pobreza, Pênia e o recurso, Póros, dando origem a Eros. Tendo esses dois extremos como seus

---

<sup>12</sup> Podemos lembrar da passagem 175-e que Agatão pede que Sócrates se debruce ao seu lado a fim de poder absorver a sabedoria do filósofo. Mas Sócrates afirma ironicamente não ser dessa maneira que a educação se dá: “Seria bom, Agatão, se de tal natureza fosse a sabedoria que do mais cheio escorresse ao mais vazio, quando um ao outro nos tocássemos”.

progenitores, Eros é um intermediário entre as oposições no mundo, por exemplo, a sabedoria e a ignorância. Isso possibilita que essa divindade seja também um filósofo, pois não possui sabedoria, mas a almeja, e, portanto, tampouco é ignorante<sup>13</sup>.

Evidencia-se nesse momento a passagem para uma representação alegórica de Eros em contraste da análise estrutural de uma dialética. Nessa caracterização estão também presentes ideias particulares dos discursos antecedentes, como a “utilidade do amor”(204-c) que está presente no discurso de Fedro, referindo-se ao amor como “a causa dos maiores bens”(178-c). E também uma referência ao discurso de Aristófanes que dizia que o amor era a busca da própria metade dos que amam (190-a) estabelecendo assim uma referência quase que explícita aos discursos dos demais convivas do banquete. Estas menções no discurso de Sócrates reforçam a ideia de que a sacerdotisa Diotima se trata de um personagem fictício de Platão para colocar as suas ideias próprias no texto pelo artifício do uso de outro personagem. Assim, mesmo que o uso do Elenchus tenha cedido lugar à representação alegórica de Eros no discurso de Diotima, ele ainda assim está em confluência com a sucessão discursiva de toda a obra *O Banquete*, pois trata-se de uma construção dialética da obra como um todo.

## CONCLUSÃO

---

<sup>13</sup> Para uma curiosa interpretação da relação de Eros com Sócrates, ler HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga*. São Paulo, Ed: Loyola, 2004. Capítulo 4: a definição do filósofo no banquete de Platão.



Nesse artigo foram apresentados alguns apontamentos sobre o advento do uso da palavra na Grécia antiga como importante consequência política, com o intuito descrever a importante preocupação metodológica de Platão para com a busca da verdade dentro da sociedade grega. Foram discutidos alguns pontos sobre o método utilizado por Sócrates nessa busca do conhecimento, demarcando a indissociabilidade entre as ideias da dialética de Platão e a personagem de Sócrates.

Estas questões serviram de apoio para um estudo de algumas passagens da obra *O Banquete* que, por diversas indicações, valiam-se de recursos metodológicos muito caros à ideia de dialética tomada para análise. Assim, no efetivo estudo dessas passagens pôde-se observar diversas semelhanças com este método, bem como diferenças. O que chama a atenção nesse último caso é o uso de artifícios tidos como retóricos em meio a um longo discurso de Sócrates, o qual se explorou suas diversas possibilidades de uso, principalmente pela necessidade de passar algum conhecimento, que no caso é sobre *Eros*, sendo que a posição de Sócrates, pelo uso anterior da própria dialética em um diálogo com Agatão, o coloca em uma posição privilegiada frente ao tema do *simposium*.

Embora Sócrates não tenha deixado de fazer o uso do método de refutação, antes mesmo de seu discurso, o artifício retórico ainda está presente na reprodução do discurso de Diotima. Assim, tomando a obra como uma construção de Platão, pode-se ainda estabelecer uma ideia de dialética entre discursos, ou seja, não apenas em um diálogo onde se refuta o seu interlocutor, mas também de ideias já fechadas dentro de cada discurso que toma como hipóteses as ideias presentes nos demais discursos. Nessa

perspectiva o próprio artifício retórico se enquadra na construção de um conhecimento que visa veler-se de outros discursos para amparar o seu próprio.

## **BIBLIOGRAFIA**

STENNARD, J. '*Socratic Eros and platonic dialectic*', *Phronesis*, 4 (1959) p. 120.

KAHN, C. *Plat's theory of desire*, *Review of Metaphysics*, 1987, p. 77.

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo, DIFEL, 1966.

\_\_\_\_\_. *Fedro ou da Beleza*. Tradução de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães editores, 2000.

HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga*. São Paulo, Ed: Loyola, 2004

BENSON, H. '*The method of dialectic in Plato*' in: BENSON, H. (Ed). *A companion to Plato*. Oxford: Blackwell, 2006. (Blackwell Companions to Philosophy)

\_\_\_\_\_. *PLATÃO/ H. Benson...* [et al.] ; tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

\_\_\_\_\_. '*O método da dialética de Platão*' in: BENSON, H. *PLATÃO/ H. Benson...* [et al.] ; tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

REEVE, C.D.C. *Eros e amizade em Platão* in: BENSON, H. *PLATÃO/ H. Benson...* [et al.] ; tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

NAILS, D. *A vida de Platão de Atenas*. in: BENSON, H. *PLATÃO/ H. Benson...* [et al.] ; tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

YOUNG, C. M. *O Elenchus socrático*. in: BENSON, H. *PLATÃO/ H. Benson...* [et al.] ; tradução: Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.